

Hans Christian Andersen

A SEREIAZINHA

Tradução de
Monteiro Lobato

© 2020 Conhecimento Editorial Ltda

A SEREIAZINHA
The Little Mermaid
Hans Christian Andersen

Todos os direitos desta
edição reservados à
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA.
Fone 19 3451-5440
www.edconhecimento.com.br
vendas@edconhecimento.com.br

Nos termos da lei que resguarda os
direitos autorais, é proibida a reprodu-
ção total ou parcial, de qualquer forma
ou por qualquer meio — eletrônico ou
mecânico, inclusive por processos xero-
gráficos, de fotocópia e de gravação —
sem permissão, por escrito, do Editor.

Traduzido por: Monteiro Lobato
Revisão e organização:
Mariléa de Castro
Projeto Gráfico: Sérgio Carvalho
Ilustrações: Tina Glória Glória

ISBN 978-65-5727-055-4
1ª EDIÇÃO – 2020

- Impresso no Brasil
- *Presita en Brazilo*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Andersen, Hans Christian

A Sereiazinha / Hans Christian Andersen; organi-
zado por Mariléa de Castro ; ilustrações de Tina
Glória ; tradução Monteiro Lobato — Limeira, SP
: Editora do Conhecimento, 2020.

56 p. : il.

ISBN 978-65-5727-055-4

Título original: *The Little Mermaid*

1. Literatura infantojuvenil 2. contos I. Título
II. Castro, Mariléa de III. Glória, Tina IV Lobato,
Monteiro

20-2436

CDD – 028.5

Índices para catálogo sistemático:
1. Literatura infantil

Hans Christian Andersen

A SEREIAZINHA

Tradução de
Monteiro Lobato
Organizado por Mariléa de Castro

1ª edição — 2020





Apresentação

Entre todos os povos deste mundo sempre existiu a ideia de que pequenas criaturas, invisíveis para as pessoas em geral, habitavam os lugares da natureza, longe dos lares humanos. Aqui e ali, eram vistos por algumas pessoas – não todas.

Os gregos povoaram os bosques, montanhas e águas com as ninfas, dríades, hamadríades, sirenas(!), ondinas, sílfides, faunos etc.; os escandinavos viam os *trolls*, pequenos duendes meio feiosos, e assim como os germânicos, sabiam dos elfos, fadas e gnomos; os celtas conviviam com gnomos, duendes, fadas, elfos, silfos, *leprechauns* em abundância. E assim por diante; a lista seria interminável. Esse conhecimento nos chegou até hoje, só que rotulado de *mitologia*.

Imaginação? E por quê, então, em toda parte, esses pequenos habitantes na natureza eram tão semelhantes, quando vistos por algumas pessoas que tinham o que hoje se chama de vidência? Todos os povos antigos, mais em contato com a natureza, os perceberam e descreveram notavelmente semelhantes.

E os grandes estudiosos das coisas chamadas ocultas da natureza sabem que eles existem, e os chamam de *espíritos da natureza* ou de *elementais*, porque eles habitam os quatro elementos – ar, água, terra e fogo.

Os grandes artistas, poetas, escritores de alma sensível, são, como as crianças, mais próximos desse mundo maravilhoso do *invisível* que nos cerca. E alguns, como Andersen, conseguiram captar grandes verdades que se escondem sob o rótulo de mitos.

Que mitos, que nada... O mundo dos espíritos da natureza está apenas aguardando que a humanidade desenvolva melhor o seu olhar interno para ser visitado por qualquer um. O mundo dos micróbios também era invisível e “não existia” até que se abriu as portas dele com o microscópio...

Mas Andersen não apenas falou dos espíritos

da natureza, como as sereias e os silfos/sílfides desta história linda. Ele captou, não se sabe como, uma grande, uma tremenda verdade: eles também, esses pequenos seres criados por Deus, progridem, crescem com suas pequenas almas para se tornarem, um dia, humanos – com uma alma humana (que por sua vez, deve crescer para se tornar como os anjos, um dia.)

Houve gente que achou ruim, achou absurdo, que pequenos seres de alma não-humana pudessem um dia se tornar humanos, com uma alma humana. Gente egoísta, claro, pretendendo que só nós e ninguém mais dentro da Criação infinita, podíamos merecer do Criador uma alma como a nossa.

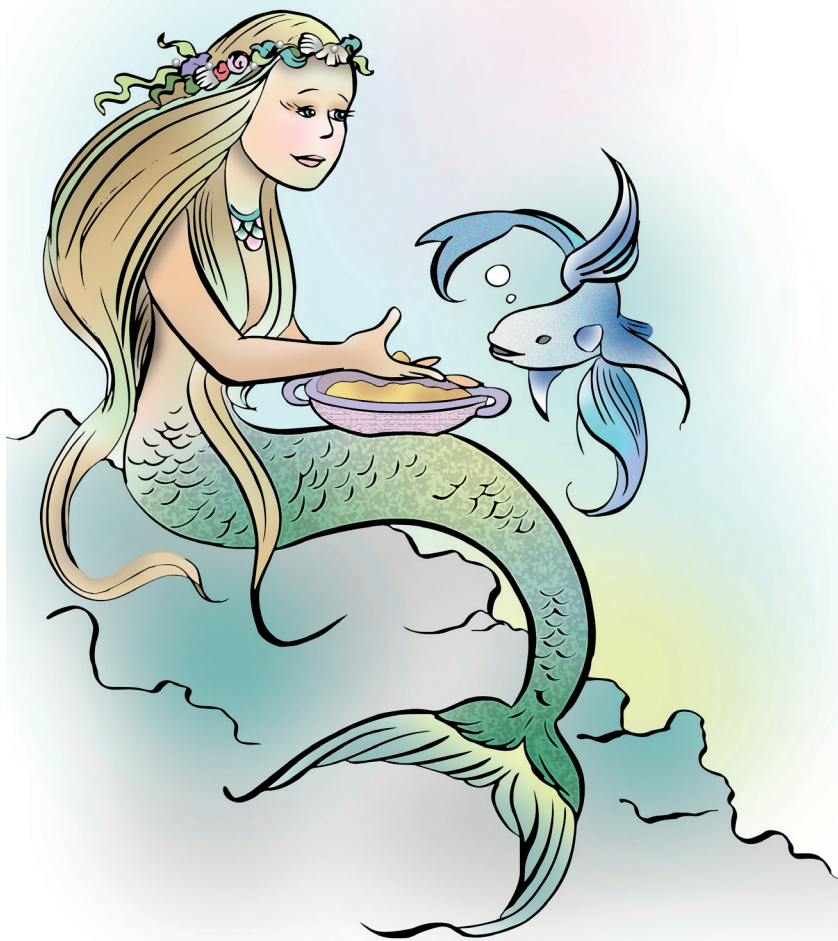
Mas nós, vocês e eu, e milhões de outras pessoas sensíveis, decerto não somos assim, e achamos esta história linda, sábia, e uma das mais belas de todas as histórias lindas que esse gênio das melhores histórias infantis escreveu – Andersen, um dos maiores artistas que já passaram por este planeta.

Este livro traz a história *verdadeira*, a original, escrita por Andersen, não essas outras que andam por aí, que se apropriaram dela e a modificaram, sem respeito pela obra original e

pelas crianças para as quais foi escrita. E além disso, quem traduziu para nossa língua o texto de Andersen foi também um artista, o grande escritor que é o mais querido das crianças desta terra, o incomparável Monteiro Lobato, criador do Sítio do Picapau Amarelo e suas histórias incríveis. Uma dupla de peso.

A magia desta história vem encantando há séculos crianças do mundo inteiro, e de todas as idades – até aquelas que já são pais ou avós.

M. C.





Muito longe, em alto mar, a água é azul como o mais azul dos miosótis, e tão clara como o mais puro cristal. Mas tão fundo se mostra o mar ali que não existe corda, por mais comprida, que lhe alcance as areias. Só com uma porção de torres de igrejas, colocadas umas sobre as outras, é que se poderia ir do fundo à superfície. Lá moram as sereias, criaturas metade mulher, metade peixe.

Mas não pensem que só há sereias no fundo do mar. Não! Há também flores, e árvores delicadíssimas que ao menor movimento das águas balançam gentilmente. Lindas árvores! Através dos seus galhos nadam peixes, exatamente como por entre os galhos das árvores da terra pulam pas-

sarinhos. Na parte mais profunda fica o palácio do rei do mar. Palácio maravilhoso, com paredes de coral, janelas muito altas e pontudas, feitas do mais claro âmbar, teto de conchas que se abrem ou fecham conforme as marés. Cada uma dessas conchas tem dentro uma pérola digna de figurar em uma coroa de rainha.

O rei do mar tinha ficado viúvo havia muito tempo e quem tomava conta do palácio era sua mãe, senhora bastante trabalhadeira, mas muito orgulhosa da sua nobre estirpe. Só ela tinha o direito de usar doze conchas de ostras na cauda. As outras fidalgas do reino apenas podiam usar seis. Fora disso era uma excelente criatura, que tratava com grande carinho as princesinhas, suas netas, das quais a mais nova era a mais linda. A pele desta sereiazinha mostrava-se tão delicada e macia como as pétalas de rosas, e seus olhos azuis refletiam o azul mais profundo que existe no mar.

As sereiazinhas reais brincavam o dia inteiro nos grandes salões do palácio, em cujas paredes nasciam flores do mar. Quando as janelas estavam abertas, peixinhos de todas as cores entravam e saíam, como na terra as andorinhas entram às vezes em nossas casas. Com a diferença que os